

Enquanto uns se queixam que nunca têm tempo, outros afirmam que a tendência para a diminuição das horas, dos dias e dos anos de trabalho vai criando o problema do excesso de tempo disponível. E os que se queixam que não têm tempo vivem geralmente em situação desenvolvida, (isto é: em situação que tende para a diminuição do trabalho), enquanto a única disponibilidade em excesso dos que estão em situação subdesenvolvida é o tempo. De duas uma: ou o progresso diminui o lazer, (e os profetas do tédio são vítimas de uma curiosa ilusão que os engana), ou o termo "ter tempo" tem pelo menos dois significados, (de forma que o caipira no bar da esquina tem excesso de um tipo de tempo, e o turista americano procura matar um segundo tipo de tempo). O propósito destas considerações é defender a segunda alternativa. E o seu motivo é este: as análises fenomenológicas do lazer são feitas em situação desenvolvida, portanto geralmente por quem ignora o lazer gigantesco do qual dispõe o subdesenvolvido. E tal ignorância torna as análises insuficientes.

A pergunta que se impõe é pois: que significa "ter tempo"? É característico o fato de tendermos a dar respostas negativas, do tipo: "Ter tempo significa não ter o que fazer, não ter obrigações, não ter tarefas". Como se ter tempo fosse uma carência a ser suprida. E, no entanto, sentimos nitidamente que a posse de tempo é liberdade. Pois a liberdade tem também este aspecto negativo, e tendemos também a dar respostas negativas à pergunta "que significa ter liberdade?". Para salientar este/fato, que a seguinte definição seja proposta: "Ter tempo significa não estar ocupado". Ocupado por quem ou por quê? A rigor: pelo tempo. Tem tempo quem não está por ele ocupado, e quem não tem tempo é porque o tempo o ocupa. Aparentemente é esta a relação entre mim e o tempo: ou ele me tem, ou eu o tenho. Ou ele toma posse de mim, eu mergulho nele, e ele me arrasta consigo. Ou eu o faço parar, afim de manipulá-lo e submetê-lo às minhas ordens. Ou sou objeto do tempo, ou sou seu sujeito. Ou sou agitado, ou ajo. Ter tempo, pois, (e esta será a definição com a qual trabalharei doravante), é não ser agitado.

Mas tal definição negativa exige que seja positivada. Que é isto que não me agita quando tenho tempo? Que é isto, pois, que transformei em meu objeto ao não ter permitido que o tempo me ocupe? Em suma: qual o meu objeto quando tenho tempo? Uma resposta óbvia seria dizer "tudo". Com efeito: quando tenho tempo tudo passa a ser virtualmente meu objeto. Ter tempo significa pois ter o mundo por objeto, ter um mundo objetivo, e não ter tempo significa não ter nenhum objeto. E isto implica dizer que tempo é tudo. Mas esta resposta óbvia com sua radical afirmação da identidade entre Ser e Tempo não é muito interessante. (Como, aliás, não o é nenhuma afirmativa que contém a palavra "tudo".) Não é muito interessante, porque não me diz nada quanto ao meu objeto quando tenho tempo. Quem diz "tudo" não diz nada. A resposta precisa ser especificada.

Uma possível chave para a especificação do objeto que tenho ao ter tempo é fornecida pela gramática da língua portuguesa. Que tal dizer que quando tenho tempo tenho futuro, presente e passado? E isto me permitiria dizer, quicá,

VILÉM FLUSSER
o seguinte? Quem não tem tempo, não tem nem futuro, nem presente e nem passado. Mas quem tem tempo, pode ter ou futuro, ou presente, ou passado, ou dois dos três, ou todos. Por exemplo: o caipira parado no bar da esquina tem tempo no sentido de presente, mas não tem nem passado nem futuro. É "pré-histórico", para falarmos mais elegantemente. E o turista americano procura matar o tempo que tem porque este é um passado sem presente nem futuro. O turista é "pós-histórico", para recorrermos a um termo em voga. O lazer que é o problema dos futurólogos é pós-histórico, e pré-histórico é o lazer do subdesenvolvido. E entre os dois lazers haveria a história, isto é uma situação de falta de tempo. O homem histórico é ocupado pelo tempo, e é por isto que não vive em mundo objetivo, não tem objeto já que ele próprio é objeto do tempo. O homem pré-histórico vive no presente, e tem tempo apenas neste sentido, (o que é uma descrição adequada de Adão no Paraíso e do homem rhodesiano). E o homem pós-histórico vive no passado, e tem tempo apenas neste sentido, (o que é uma descrição adequada do telespectador, do tédio dos aposentados, e da ressurreição das almas). Um homem que tivesse tempo no sentido de passado, presente e futuro, seria o homem absoluto, e quem tivesse tempo no sentido de futuro seria pelo menos um homem histórico livre. O homem que vive absolutamente é certamente um mito, mas o homem que vive no futuro, que tem tempo no sentido de ter futuro, seria o ideal a ser perseguido. Esta é uma possível interpretação da expressão "ter tempo".

Não é muito boa, (embora esteja implícita em muita utopia atualmente em voga), e não o é pelo seguinte: o tempo que tenho, (se é que o tenho e que não é ele quem me tem), não é um tempo qualquer, mas é o meu tempo. E isto significa que as interpretações historicistas do tempo, por grandiosas que sejam, não me dizem respeito. O que caracteriza o meu tempo são suas limitações severas, embora imprecisas. O meu presente é limitado pela situação na qual me encontro, e embora possa eu estender essa situação viajando ou recebendo informações externas por outros métodos, é pouco provável que possa jamais presenciar fenômenos distantes como o são por exemplo as questões de matemática avançada ou da agricultura ghanense. Estão excluídos de meu presente, embora possam ser contemporâneos num sentido objetivante. O meu futuro é limitado pela minha morte, e embora o horizonte da morte não seja fixo, é pouco provável que abranja o ano 2000, por exemplo. Está excluído do meu futuro, embora seja futurável, e embora possa eu influir nele. E o meu passado está limitado pelo meu nascimento, (ou mais exatamente: pela minha memória), e embora possa estender o passado graças a truques como o são explicações causais até profundidades históricas, biológicas e cosmogônicas vertiginosas, nunca abrangerá autenticamente o neolítico ou o pitecantropo, por exemplo. E isto significa que o que está fora do meu tempo, (como matemática avançada, o ano 2000 e o pitecantropo), não me interessa no sentido existencial do termo, (por exemplo: no sentido kantiano), embora possa:

VILÉM FLUSSER

me interessar em teoria. Esta limitação existencial do meu tempo, (e do tempo humano "tout court"), faz com que especulações majestosas sobre pré-história, história e pós-história adquiram um colorido levemente cômico, inclusive a pré-ocupação dos futurólogos com o lazer que ameaça a humanidade. Quem tem tempo é pois aquele quem tem presente limitado pela situação, passado limitado pela memória, e futuro limitado pela morte. E quem não tem tempo está ocupado pela situação, pela memória e pela morte. Ter tempo é ter deixado de ser agitado pela situação, pela memória e pela morte. Ter tempo não é portanto uma condição "natural" do homem, e o homem não é um ente que aparece do nada ou do útero materno tendo tempo. Pelo contrário, o homem nasce ocupado pelo tempo, e se tem tempo, isto é resultado de uma conquista deliberada e penosa sua. A conquista consiste em assumir e manter uma atitude antinatural perante o tempo. Uma atitude que nega ao tempo o direito de ocupar-me. Que nega o direito da situação, da memória e da morte de me condicionarem. E que afirma o meu direito de desprezá-los e transformá-los em meus instrumentos. Apenas quem despreza a situação tem presente. Apenas quem despreza a memória tem passado. Apenas quem despreza a morte tem futuro. Porque apenas tal pode manipular presente, passado e futuro. Como é possível assumir-se tal atitude? Já que nasci ocupado por situação, memória e morte e condicionado por eles? É possível, dada a limitação da situação, da memória e da morte, e dada portanto a abertura para superá-los em transcendência antinatural e anti-historicizante. Tal transcendência é um lugar no qual me abrigo da agitação natural e histórica, e a partir do qual posso passar a agir sobre história e natureza. É apenas a partir de tal transcendência que posso ter tempo. No imanente estou sempre ocupado.

É pois possível ter tempo, na medida na qual é possível transcender a situação, a memória e a morte. Não se trata, no entanto, de alguma transcendência religiosa ou metafísica, já que não se trata de transcendência de um tempo absoluto. Quem pudesse alcançar uma tal transcendência metafísica, não teria tempo, mas a eternidade. Para ter tempo, basta transcender-me a mim mesmo. Não há necessidade para visões religiosas para tanto, basta um pouco de ironia e auto-ironia. Basta isto, e, no entanto, isto não é tão fácil. Não é fácil, porque a ironia, como não importa que transcendência, exige disciplina e constante vigilância e controle. Mal conquistei meu tempo, e já ele volta a ocupar-me pelos mil fios pegajosos que me prendem à situação, à memória e à morte. É por isto que é tão raro encontrar pessoas que têm tempo. E os que têm tempo, lutam para mantê-lo sob controle e a serviço diariamente. Lutam consigo mesmos. Porque o obstáculo a ser vencido para se ter tempo não é nem a situação, nem a memória nem a morte, mas somos nós mesmos.

Por isto não é o lazer que caracteriza aquele quem tem tempo. Nem o caipira no bar da esquina nem o turista americano têm tempo neste sentido. Ambos são ocupados por um tempo estagnado, embora por duas estagnações diferentes: o caipira pelo presente estagnado, o turista pela memória estagnada. Ambos têm tempo apenas no sentido de não serem arrastados por ele, mas de nele se

VILÉM FLUSSER

afogarem pré- ou pós-históricamente. Mas há um segundo sentido do termo "ter tempo". E este segundo sentido é aquele no qual o tempo se transforma em objeto humano, isto é: o homem que tem tempo tem a sua situação, a sua memória e sua morte por objeto. Neste segundo sentido o sinônimo de "ter tempo" é "viver", e quem não tem tempo, não vive. E pois para vivermos que devemos lutar contra nós mesmos afim de termos tempo.